



GUIA DAS PERIFERIAS PARA DOADORES

PIPA

GUIA DAS PERIFERIAS PARA DOADORES

EXPEDIENTE

✉ contato@iniciativapipa.org
@iniciativapipa
@iniciativapipa
iniciativapipa
f iniciativa pipa
www.iniciativapipa.org

GUIA DAS PERIFERIAS PARA DOADORES

FICHA TÉCNICA

Coordenação Geral

Gelson Henrique

Coordenação de Pesquisa

Nildamara Torres

Assistente de Pesquisa

Bruna Aguiar

Consultora e Analista de Dados

Letícia Mendes Pereira

Consultora de Pesquisa

Stephane Ramos

Revisão

Gelson Henrique
Marcelle Decothé
Carla Ninos
Ana Clara Telles

Criação de ID e Artes:

Dayanne Soares

Projeto Gráfico

Arthures Garcia

EQUIPE PIPA

Diretor Executivo

Gelson Henrique

Diretora de Sustentabilidade e Estratégias

Marcelle Decothé

Coordenação de Comunicação

Carla Ninos

Assessoria de Comunicação

Dayanne Soares

Coordenação de Pesquisa

Nildamara Torres

Assistente de Pesquisa e Mobilização

Buba Aguiar

Coordenação de Operações

Andrey Chagas

Assistente de Operações

Gilvana Santos

CONSELHO FUNDADOR

Ana Clara Telles
Gelson Henrique
Marcelle Decothé
Raull Santiago



A INICIATIVA PIPA

Entre os principais objetivos da PIPA está o posicionamento da agência das periferias no debate sobre a Filantropia e o Investimento Social Privado (ISP). Para isso, nossa equipe entende a importância da produção de conhecimento, por diferentes pesquisas, que visam a construção de metodologias inovadoras que trazem uma narrativa reposicionada para que o setor no Brasil tenha, cada vez mais, pessoas negras e indígenas, que vivem em territórios de favela, periferias, aldeias, quilombos, assentamentos, áreas rurais e em regiões ribeirinhas, pautando para onde o recurso precisa chegar. São essas pessoas que lideram o que chamamos de organizações de periferias no Brasil, são as principais responsáveis pela transformação social do país e é preciso que ocupem, com centralidade, o debate de doação.

4

Acreditamos que precisamos trabalhar para ampliar o campo da filantropia e este deve ser pensado com a participação daqueles que, até hoje, têm seu conhecimento e potência questionados e/ou subestimados. Queremos trazer propostas capazes de inovar este campo que mobiliza e impacta muitos segmentos sociais para o combate às desigualdades no país. Porque não é de hoje que dizemos: **AS PERIFERIAS TÊM AS RESPOSTAS.**

É urgente que o ISP e as organizações filantrópicas se comprometam a revisar suas metodologias e escopos de atuação, desburocratizando os métodos de financiamento e aprofundando as relações de confiança com coletivos, organizações e movimentos favelados e periféricos, fazendo com que os recursos cheguem até a ponta. Se nós queremos ter, no Brasil, uma Filantropia que promova impactos concretos, é preciso colocar as periferias, em especial as pessoas negras, mulheres e LGBTQIAPN+, no centro das estratégias de transformação e financiamento.

APRESENTAÇÃO DO GUIA

Este guia destina-se às empresas, instituições, financiadores e fundações que se preocupam em reduzir os impactos da desigualdade de “dentro” para “fora” na doação no Brasil. Isto é, estamos falando, diretamente, com aqueles que estão dispostos a olhar para dentro de suas próprias organizações, estejam dispostas a parar de “varrer a poeira para baixo dos tapetes” e entenderam que já passou do tempo de uma revisão ecossistêmica da filantropia e do ISP no Brasil. Pontuamos, mais uma vez, a importância de uma agenda de democratização de recursos para as periferias no Brasil, que ocupe uma posição chave para guiar as doações no país.

5

Para se repensar como tem sido trilhado o caminho da filantropia no Brasil, convidamos, inclusive, organizações que ainda não voltaram suas atenções para o tema.



A INICIATIVA PIPA ENTENDE QUE PARA FALARMOS DE UMA FILANTROPIA ESTRATÉGICA NO PAÍS, PRECISA-SE LEVAR EM CONSIDERAÇÃO AS VOZES QUE ESTÃO EMERGINDO DAS PERIFERIAS BRASILEIRAS, E QUE ESTÃO DEMANDANDO QUE OS RECURSOS CHEGUEM ONDE A REALIDADE ACONTECE.



Em busca de um país que coloque em prática a noção de equidade em suas mais diversas possibilidades, a PIPA traça estratégias de resistência e sobrevivência sob condições de extrema precariedade e, por isso, acreditamos que estamos no melhor momento para investir em grandes mudanças no cenário da Filantropia e do Investimento Social e Privado. Para isso, precisamos investir na escuta qualificada daqueles que movimentam, constroem e formam as bases.

Estamos trazendo antigas inquietações para propor novos alicerces e encarar, de maneira objetiva, os desafios e a complexidade que este debate nos traz. O *“Guia das Periferias para Doadores”*, busca traçar caminhos para o fortalecimento das redes e estratégias das instituições, que compõem o ISP e filantrópico no Brasil e construir novas práticas e novos horizontes para propagar e promover uma cadeia de mudanças significativas no escopo das organizações doadoras.

6

Neste contexto, o Guia pretende auxiliar na transformação do setor e oferecer possíveis caminhos e propostas para os doadores que buscam ampliar seu impacto, efetividade e pluralidade em suas atuações, principalmente, pensando em quem está recebendo recursos, ou, no caso das periferias, quem não está. O trabalho de coleta das informações aqui presentes é fruto de um mapeamento de instituições doadoras que praticam a Filantropia e o ISP no Brasil e, temos como foco diminuir os abismos que, ainda, existem entre aqueles que estão financiando e os coletivos, movimentos e organizações de base periféricas que estão movimentando e “fazendo acontecer” na ponta.

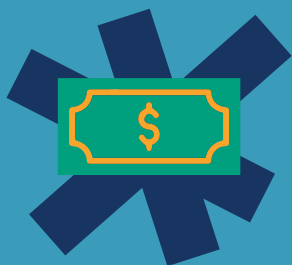


PRINCIPAIS OBJETIVOS DO GUIA:

8



Incentivar e potencializar a pluralidade nas equipes das organizações doadoras, porque acreditamos que valorizar os diferentes conhecimentos, experiências e aprendizados é o principal caminho para dialogar com as periferias brasileiras. E esta combinação só será possível se garantirmos que os interesses do setor estejam alinhados e comprometidos com a agenda das periferias.



Assegurar e viabilizar estratégias para que o dinheiro mobilizado por organizações doadoras, de fato, chegue aos territórios periféricos. Queremos incentivar que esta prática esteja evidente e explícita em seus portfólios e sites, gerando um movimento impulsionador para que outras organizações sigam nessa direção. Desta forma, as organizações periféricas, que muitas vezes não fazem parte do “circuito das doações”, podem ter mais autonomia para buscar financiamento direto com doadores, tornando os recursos mais descentralizados.

9



Contribuir para o enfrentamento das desigualdades de gênero, raça e território articulando atores, colaboradores e parceiros que valorizem práticas mais inclusivas no cenário da Filantropia.



Apresentar novas metodologias e ações para o fortalecimento de uma Filantropia baseada em equidade, transparência, respeito aos territórios e comprometida em combater desigualdades históricas, culturais e políticas que afetam, diuturnamente, a população das periferias brasileiras.

DE ONDE PARTIMOS?

- “PERIFERIAS E FILANTROPIA”

A pesquisa realizada pela PIPA, em 2022, mapeou mais de 1000 ações periféricas espalhadas pelo Brasil, através de 607 respostas de gestores que estão atuando na linha de frente nas periferias brasileiras para garantir direitos básicos, qualidade de vida e oportunidades nas comunidades. Pensando em maneiras de evidenciar as “barreiras de acesso aos recursos no Brasil”, a pesquisa apontou que temos uma grande demanda por pluralidade de corpos e experiências entre aqueles que pautam o repasse de recursos.

Antes de tudo, entendemos que a periferia¹ se constitui a partir de uma percepção territorial e pode se modificar de acordo com mudanças nos padrões de distância, acessibilidade/mobilidade, de pobreza e vulnerabilidade social. Além disso, as dimensões desta categoria também são atravessadas pelo compartilhamento de culturas, modos de vida, experiências e condições sociais em determinados territórios.

1. Cabe destacar que desde a década de 1990 a expressão periferias passou a ser vocalizada por moradores, ativistas, intelectuais e artistas oriundos destas áreas enquanto categoria identitária. O termo periferia remete a experiências e modos de vida em comum, bem como mote de denúncia das condições sociais e afirmação de potencialidades destes sujeitos (Dossiê subjetividades periféricas, 2020). Disponível em: SciELO - Novos estudos CEBRAP, Volume: 39, Número: 1, Publicado: 2020

Pensar as periferias e as desigualdades, no plural, implica em reconhecer que a vida das pessoas é marcada não apenas pelas diferenças econômicas, mas também por uma série de fatores estruturais característicos da nossa sociedade, que impactam a capacidade das pessoas de viver e exercer seus direitos.

Se, por um lado, reforçamos a multiplicidade de trajetórias e subjetividades que cabem nessas categorias, por outro, destacamos a ausência de análises e pesquisas direcionadas para a compreensão da relação entre Periferia e Filantropia. Isso se reflete nos focos de atuação, no volume de investimentos direcionados para projetos e organizações periféricas e no compromisso do setor com efetivas transformações sociais. Enquanto apenas 3% das organizações de base tiverem como principal fonte de recursos as iniciativas privadas, persistirão os desafios e o distanciamento do ISP das Organizações da Sociedade Civil, coletivos e movimentos da ponta, assim como permanecerá o distanciamento das pautas de acesso a direitos, justiça socioambiental e a defesa da democracia.

Neste guia, propomos caminhos para diminuir algumas dessas barreiras que vimos apontando em trabalhos anteriores. Um primeiro passo, essencial para nós, é que os financiadores estejam dispostos a olhar, cuidadosamente, para dentro de suas equipes e conselhos de modo a refletirem, genuinamente, sobre a **pluralidade** de sua composição.

Após as reflexões, apontamentos e avaliações, reforçamos que é preciso agir com **transparência, garantia de fortalecimento institucional dos coletivos da ponta e direcionamento concreto dos recursos para as periferias**. Só assim, a partir das ações e do comprometimento dos doadores, poderemos encarar um longo caminho de transformação e projetar os efeitos positivos dessas mudanças na prática. É importante ressaltar que estamos longe de esgotar esse assunto, até porque, o debate sobre este tema, está só começando.

METODOLOGIA

APRESENTAÇÃO DO PROCESSO DE COLETA DOS DADOS

Para a elaboração deste Guia combinamos um conjunto de metodologias e fontes de dados, quantitativas e qualitativas. Primeiramente, foi feito o mapeamento de instituições doadoras e, a partir disso, o levantamento de informações presentes nos sites dessas instituições que atuam no ISP e na Filantropia no Brasil. Estas organizações são investidoras sociais de institutos ou fundações de origem empresarial, familiar e independente. Realizamos uma minuciosa varredura de informações nestes sites, pois os websites, atualmente, funcionam como uma importante ferramenta de divulgação das ações e editais, sendo utilizado para dar visibilidade para a atuação das mesmas.

Foram coletadas duas subamostras distintas: uma amostra com 50 organizações doadoras; e outra amostra, com 53 editais, que contemplam organizações periféricas². O objetivo foi entender se as demandas das periferias estavam sendo pautadas pelas organizações. Neste processo, foi possível captar as possíveis fragilidades, presenças ou ausências de informações que poderiam impactar nos recursos destinados às periferias, hoje.

A área da ciência de dados é a que mais cresce no nosso país, por isso, a ausência de dados nas plataformas digitais e, principalmente, a ausência de dados sobre a população ou estimativas de população das organizações que atuam na Filantropia, nos aponta para a necessidade de crescimento nesta área, isto é: como podemos garantir a representatividade (amostral) dos dados sem esta

informação? Sendo assim, neste mapeamento, não se pretende representar a totalidade ou mesmo maioria das organizações doadoras brasileiras (pois não seria possível). Esta análise serve de instrumento para debater sobre os desafios que as periferias enfrentam para acessar os recursos, trazer possíveis insumos necessários para mudar este cenário e contribuir com o fornecimento de dados neste campo.

Fizemos também Grupos Focais com ativistas das 5 regiões do país, que indicaram e validaram esses eixos como caminhos possíveis e necessários para serem trabalhados. Foi realizada, também, a ativação do Guia, nestas 5 regiões brasileiras, para isso, dialogamos e debatemos sobre os objetivos, metodologias e ações que estamos propondo no documento com representantes e lideranças de diversas frentes de atuação nas periferias: cultura, arte, educação, defesa de direitos, sustentabilidade e muitas outras.

Tendo isso em mente, os dados nesta pesquisa se basearam em **três eixos temáticos** para a estrutura deste Guia: o primeiro eixo trata-se da pluralidade de gênero e raça/cor na composição das equipes gestoras; **o segundo sobre a transparência dos portfólios, programas e ações** para o qual se enquadram o direcionamento dos recursos doados, se há informações que digam quais áreas temáticas são financiadas pela organização, e se estes recursos estão sendo direcionados para as periferias; o terceiro é sobre o financiamento para o **Fortalecimento institucional** das organizações; e por fim, uma reflexão conclusiva trazendo a prestação de contas das organizações doadoras e o acompanhamento da quantidade de recursos repassados para as periferias.

Para garantir a efetividade representativa amostral e auxiliar na interpretação dos dados coletados, dialogamos, diretamente, com diferentes produções feitas por organizações de infraestrutura do setor que estão comprometidas, assim como nós, em contribuir com o escopo do referencial teórico de nossas

2. Importante ressaltar que das 50 organizações, apenas 5 possuem editais voltados, diretamente, para as periferias.

análises. Como as pesquisas da Rede Comuá, GIFE, IDIS e Instituto Beja, pois acreditamos que são parceiros e que têm o papel fundamental para a construção de uma outra Filantropia e do Investimento Social Privado no Brasil. E, para incorporar a visão dos movimentos e organizações brasileiras que atuam na linha de frente das periferias, trouxemos os dados da pesquisa realizada pela PIPA em 2022, *“Periferia e Filantropia – As barreiras de acesso aos recursos no Brasil”*³.

Resumidamente, os dados apontam para um cenário alarmante e com grandes desafios, principalmente, relacionados com o direcionamento dos recursos para as periferias e a composição das equipes e conselhos, no que tange aos marcadores de gênero e raça/cor. Além disso, é essencial que os espaços de tomada de decisão sobre as doações se transformem. Afinal, como pensar em democratização e descentralização do acesso aos recursos sem começar pela pluralidade de equipes e conselhos das organizações doadoras?

14 Com base nas pesquisas deste Guia, evidenciou-se a importância de criar estratégias que vão além da preocupação em promover uma cultura de doação no nosso país. A Filantropia e o ISP devem estar atentos e **com um olhar estratégico**, que leve em consideração, tanto a agenda preocupada com o direcionamento dos recursos para territórios periféricos no Brasil, quanto à pluralidade dentro das próprias organizações.

Para este propósito, é preciso que os doadores adotem uma abordagem orquestrada, buscando dialogar com novas e antigas redes e organizações para criar um efeito multiplicador dentro da Filantropia e do ISP em direção às periferias do país.

QUAIS OS TIPOS DE ORGANIZAÇÕES E QUAIS AMBIENTES DE ATUAÇÃO?

Outra questão de relevância, trata-se dos ambientes de atuação e temas para os quais as organizações destinam suas doações. Neste guia, mapeamos as áreas temáticas de atuação dos financiadores.

Dentre as 50 organizações que foram fontes nesta pesquisa, o maior número de doações destina-se aos Direitos humanos, cultura da paz e democracia (23,5%), Meio Ambiente e Sustentabilidade (17,3%), Educação (17,3%), seguidas por inclusão produtiva, empreendedorismo e geração de renda (10,2%) em quarto lugar.

15

3. Iniciativa PIPA, Periferias e Filantropia – As barreiras de acesso aos recursos no Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.periferiasefilantropia.org/>

TABELA 1
TEMÁTICAS DE ATUAÇÃO O QUAL SE DESTINAM AS ORGANIZAÇÕES

DIREITOS HUMANOS, CULTURA DE PAZ E DEMOCRACIA	23,5%
MEIO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE	17,3%
EDUCAÇÃO	17,3%
INCLUSÃO PRODUTIVA, EMPREENDEDORISMO SOCIAL E GERAÇÃO DE RENDA	10,2%
COMUNIDADES TRADICIONAIS E QUESTÕES ALIMENTARES	9,2%
SAÚDE	7,1%
CULTURA, ARTE E ESPORTE	6,1%
CIÊNCIA E TECNOLOGIA	4,1%
HABITAÇÃO	3,1%
ENGAJAMENTO SOCIAL E FILANTROPIA	2%

16

Já os temas de atuação respondidos pelas lideranças das organizações, movimentos sociais e OSCs, apresentam certa semelhança com aqueles que recebem mais investimento. Segundo a pesquisa da PIPA (Periferias e Filantropia, 2022), dos principais segmentos de atuação encontram-se a Educação (15,1%), Direitos Humanos (9,5%) e Empreendedorismo social (8,2%) – com exceção do segmento da Cultura, que ocupa a primeira posição com 17,4% de atuantes neste tema, mas ocupa uma posição muito abaixo no rol dos investidores.

Destaca-se também que, dentre os temas de atuação das organizações independentes⁴ mapeadas pela Rede Comuá, o principal é o fortalecimento institucional (74%), gênero e direitos das mulheres (48%) e cultura (48%); seguidos de temas relacionados a comunidades, desenvolvimento local e povos tradicionais, como desenvolvimento comunitário (42%), agricultura familiar, agricultura urbana, agroecologia e agrofloresta (39%), e comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas e tradicionais (35%).

17

O atravessamento dos temas de atuação entre aqueles que doam e recebem recursos é um tema importante. Isso porque, uma das questões mais recorrentes, entre aqueles que recebem financiamento para seus projetos, diz respeito à ausência de recursos para as periferias, tema que a PIPA aborda, sistematicamente, de diferentes formas.

Pensando na distribuição geográfica dos doadores e organizações que executam projetos, encontramos, também, uma incongruência. De acordo com os dados do Censo GIFE, a região Sudeste concentra a maior porcentagem

4. Importante destacar que as organizações independentes geralmente são as principais financiadoras de pautas como: igualdade racial, populações indígenas e tradicionais, meio ambiente, gênero, sexualidade, entre outras, e tem como foco as populações que têm seus direitos negados historicamente. Ver em: Revista Plurais - Vozes, saberes e práticas da Filantropia Comunitária e de Justiça Socioambiental (2024). Biblioteca - Comuá (redecomua.org.br).

de associados com 72% de atuação situadas nesta região⁵. Por outro lado, as regiões com menor atuação localizam-se no Norte (36%) e Nordeste (39%). Segundo a nossa pesquisa (Periferias e Filantropia, 2022), estas mesmas regiões (Norte e Nordeste) correspondem, juntas, a 54% do total das organizações mapeadas, indicando uma forte presença das iniciativas nessas localidades – e que correspondem aquelas que menos possuem investimentos. Isso evidencia que há um descompasso entre a agenda de prioridades do ISP, que está concentrada na região Sudeste, e os interesses das minorias políticas concentradas nas regiões Norte e Nordeste, em nosso país⁶.

De modo amplo, percebemos que as organizações doadoras preocupadas em atuar e investir em coletivos, movimentos e organizações periféricas e/ou nos mesmos temas e regionalidades que compõem o interesse desses grupos, ocupam um lugar estratégico para dar resposta à crise do financiamento. E, aquelas que cumprem este papel, muitas das vezes, possuem em suas equipes e conselhos, ativistas oriundos dos movimentos e coletivos da ponta, com um conhecimento sólido sobre as realidades, necessidades e demandas do campo. Sendo assim, damos início ao primeiro eixo deste guia, destacando a importância da composição das equipes e conselhos das organizações doadoras.

18

5. A somatória da atuação das 5 regiões brasileiras não corresponde a 100%, porque uma organização pode atuar em mais de uma região. Ver em: <https://sinapse.gife.org.br/download/censo-gife-2022-2023>
6. O projeto Perspectivas para a Filantropia no Brasil do IDIS (2024) aponta que os detentores de recursos, tradicionalmente, estão muito concentrados, em especial nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Entretanto, vem mudando, impulsionado tanto por transformações e demandas sociais quanto pelo amadurecimento e crescente profissionalização do setor. Ao mesmo tempo em que a filantropia se desenvolve, expande e temos cada vez mais exemplos de ações relevantes em todas as unidades do país. Disponível em: Perspectivas para a filantropia no Brasil 2024 | IDISIDIS



PLURALIDADE NAS EQUIPES E CONSELHOS



Acreditamos que para o enfrentamento de diversos formatos existentes de desigualdades no ecossistema de doação brasileiro, é preciso que as dimensões de raça, gênero e território sejam encaradas como centralidade. Estes recortes têm papel central para que sejam identificados os desafios e oportunidades de crescimento para o trabalho realizado ser contínua e significativamente melhorado.

NÃO É DE HOJE QUE A PIPA DECLARA QUE RAÇA, GÊNERO E TERRITÓRIO SÃO MARCADORES QUE DEVEM SER LEVADOS EM CONSIDERAÇÃO PELA FILANTROPIA E PELO ISP. ISSO PORQUE, NA PRÁTICA, ESSE TEM SIDO UM FATOR QUE VEM DETERMINANDO PARA ONDE OS RECURSOS SÃO E, PRINCIPALMENTE, NÃO SÃO DESTINADOS.

22

Pensando nisso, avaliamos, comparamos e analisamos a composição por gênero e raça/cor dos conselhos deliberativos das organizações doadoras, da equipe gestora das mesmas e, por fim, da gestão das organizações e movimentos sociais. Nosso objetivo era responder: qual é o perfil entre aqueles que doam e recebem os recursos? Dessa forma, pretendemos avaliar o nível de pluralidade⁷ dentro das organizações, que vão do centro até a ponta, com base numa série de fontes quantitativas e qualitativas distintas.

Analisar o perfil dos conselhos deliberativos daqueles que doam recursos no Brasil é imprescindível, porque os conselhos deliberativos correspondem à instância máxima de tomadas de decisão das organizações, são estes membros que definem **as políticas gerais, administrativas e fazem o controle interno da instituição**. Logo, o perfil analisado com base nos dados do Censo GIFE 2022-2023, mostram que os desafios quanto à equidade de gênero e raça/cor na composição dos conselhos ainda persistem. E mais, registraram uma tendência de aumento em relação a igualdade de gênero, no período entre 2014 e 2022, e resistência ao aumento da pluralidade segundo a raça/cor, entre 2020 e 2022.

23

Referente ao último Censo, apenas 22% dos conselhos deliberativos das organizações eram compostos por maioria feminina, enquanto 10% possuíam paridade de gênero e 68% era formado por maioria masculina. Ainda assim, os dados apontam na direção do aumento da pluralidade, neste quesito, já que em 2014, 83% dos gestores eram, majoritariamente, homens, apenas 12% mulheres e 4% era paritário.

7. Atualmente, vemos a disseminação do termo diversidade para se referir a inserção de minorias políticas no campo da Filantropia. Porém, este conceito e prática parte de uma centralidade da maioria política que acredita estar no centro do ecossistema. É importante posicionar que as minorias políticas não são apenas beneficiárias desse setor, mas sim, parceiras estratégicas e devem ser consideradas essenciais para a transformação social. Por essa razão, reivindicamos o termo **pluralidade**, como um conceito que endossa as distintas centralidades, experiências coletivas e agendas políticas que existem no Brasil.

Considerando o perfil segundo a raça/cor, os dados apontam para um cenário ainda mais desigual e resistente a mudanças. No ano de 2020, 32% das organizações tinham pessoas negras em seus conselhos e, em 2022, essa porcentagem caiu para 26% – em contraste com 74% das organizações que têm conselhos compostos, exclusivamente, por pessoas brancas.

A situação se afunila quando se considera a segmentação das organizações entre empresariais, familiares e independentes, cujo peso de pessoas negras ou indígenas é maior nas organizações independentes (46%) , em contraste com as organizações familiares (28%)⁸ e empresariais (18%). Ainda, em 2020, o censo GIFE já apontava para os desafios da pluralidade no campo do ISP. De acordo com os dados, esta informação só se confirma, já que 81% dos institutos e fundações não possuem políticas para promover a mudança no perfil desses conselhos.

24

Outra posição hierárquica que possui um papel importante no organograma das instituições, que cabem ser analisadas, é a diretoria, pois são responsáveis pela criação do plano de ação interno, tarefas administrativas e de relações externas. Por isso, consideramos relevante avaliar e entender qual é o perfil das pessoas que compõem este grupo no setor, além de analisar quais os possíveis contrastes com os conselhos deliberativos.

Cabe destacar que o “Sumário Executivo - Filantropia que transforma”, publicado em 2023, pela Rede Comuá, traz uma análise em profundidade de 31 organizações do Brasil e traçou um panorama atualizado da filantropia comunitária e de justiça socioambiental no país. “Entre as organizações que responderam possuir diretoria remunerada, 87% contam com mulheres em sua composição, sendo que 31% das organizações possuem diretoria remunerada composta totalmente por mulheres, e 12% possuem, exclusivamente,

8. Disponível em: Sumário Executivo - Filantropia que transforma, publicado em 2023 pela Rede Comuá. Disponível em: Biblioteca - Comuá (redecomua.org.br)

homens em sua composição. Em relação à composição racial, metade das organizações conta com uma ou mais pessoas negras na composição de sua diretoria remunerada, sendo que uma em cada cinco mapeadas apresenta, exclusivamente, pessoas negras em sua diretoria. Pessoas indígenas na diretoria remunerada surgem uma a cada oito organizações e, dentre elas, uma é composta, unicamente, por pessoas indígenas”. Estes números impactam, diretamente, na totalidade dos dados acerca da pluralidade da composição de equipes e conselhos das organizações doadoras mapeadas por nós.

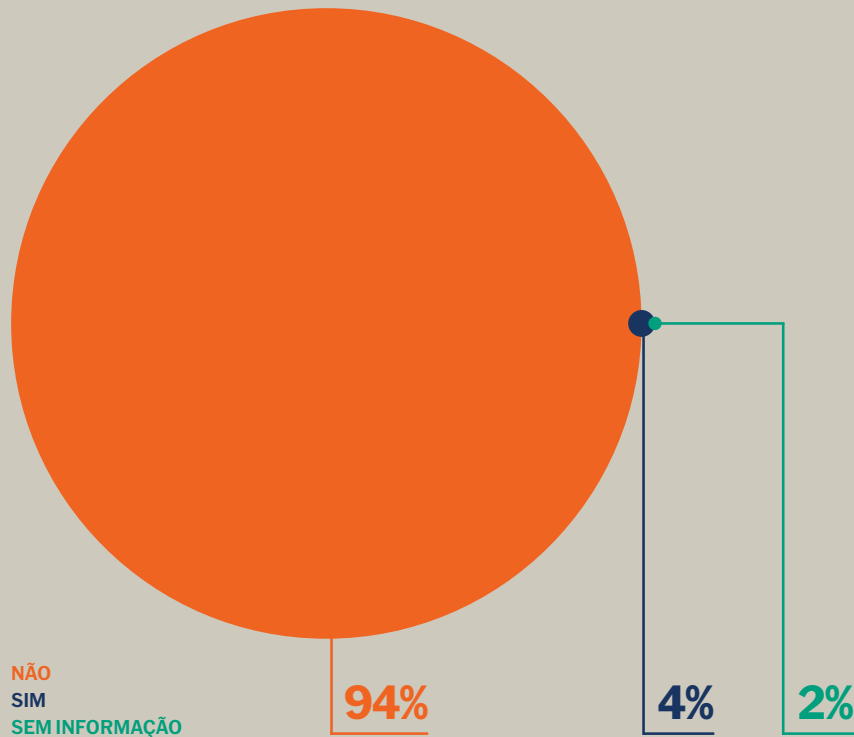
Reforçamos que a massiva ausência de informações subestimam a necessidade e a importância desses dados. Nosso levantamento buscou informações sobre a equipe gestora e conselhos das 50 organizações, disponíveis nos seus sites. Todavia, apenas 4% das organizações continham informações sobre gênero e/ou raça/cor. Para que seja possível fazer uma análise de avanço do campo no que tange a pluralidade, as organizações doadoras precisam deixar o perfil de suas equipes e conselhos evidente/explicito⁹ em suas plataformas digitais, para que possamos perceber o quanto ainda estamos distantes de superar as desigualdades de cor/raça, gênero e território entre aqueles que pautam o direcionamento e distribuição de recursos em nosso país.

25

É alarmante que 94% das organizações não deixem explícito em seus sites o perfil da sua equipe e dos conselhos, dificultando o entendimento e análise sobre quem gerencia os recursos. A ausência dessas informações pode mascarar as lacunas e os verdadeiros desafios que ainda persistem quando a pauta é o enfrentamento das desigualdades. Além disso, esta ausência incide na compreensão e na produção de dados para sabermos o tamanho do problema que existe e precisa ser superado.

9. Entendendo que a autodeclaração é a ferramenta adequada para a devida avaliação de ambos marcadores em nosso país.

GRÁFICO 1
PUBLICIZA A EQUIPE E CONSELHOS,
SEGUNDO O GÊNERO RAÇA/COR E TERRITÓRIO¹⁰?



26

10. Nos chama a atenção a gravidade de que 2% (sem informação) das organizações não possuem nem site. Isso ressoa na qualidade da informação para todos os dados aqui analisados.

Por fim, há um terceiro perfil de relevância quando falamos de Filantropia e ISP: aqueles que recebem estes recursos. Comparando quem doa e quem recebe o investimento, encontramos uma mudança significativa de perfis, que muito nos diz sobre a relação entre poder¹¹ e desigualdade. Segundo os dados da PIPA (Periferias e Filantropia, 2022), 68% das pessoas que gerenciam estas organizações são mulheres. Tão relevante quanto esta informação, os dados sobre raça/cor apontam que a maioria dos perfis é composto por pardos (37,9%) e pretos (36,2%), que somados representam 74,1% de pessoas negras que lideram os projetos e organizações. Podemos dizer que são os negros e as mulheres quem promovem a mudança social, econômica e cultural no nosso país, mas, para que isso não continue acontecendo de modo à perpetuar estruturas de desigualdade, é necessário que haja o devido financiamento.

Estes dados em comparativo com outros dados do setor sobre o perfil de doadores apontam uma disparidade entre quem administra os recursos e investimentos doados no Brasil e quem está na outra ponta, aqueles que não estão na sala da tomada de decisão dos recursos. Isso apresenta, portanto, o atravessamento de desigualdade referente a pluralidade.

É essencial que os espaços de tomada de decisão sobre os recursos do Investimento Social e Privado se transformem, afinal, como pensar em democratização do acesso aos recursos se o poder de decisão sobre a maior parte destes continua sendo deliberado e gerenciado, por pessoas que não vivenciam essas realidade?

27

11. O Capítulo "Filantropia e mudanças sistêmicas" presente na pesquisa Filantropando do Instituto Beja (2023) analisa perspectivas sobre dinâmicas de poder e privilégios, mudanças sistêmicas e a relação disso com as contradições da Filantropia. Disponível em: Instituto Beja » Filantropando

QUE LIÇÃO PODEMOS TIRAR DISSO?

Os financiadores precisam, urgentemente, olhar para os resultados que apresentamos a fim de ajustar suas práticas para que enxerguem as periferias como campo programático e estratégico para seus investimentos. Para isso, é fundamental que os espaços de tomada de decisão se transformem e não continuem tendo desigualdades sociais como norma.

Acreditamos que, para o enfrentamento de diversos formatos existentes de desigualdades na Filantropia e no ISP, as dimensões de raça, gênero e território precisam ser encaradas como centralidade (assim como outros marcadores sociais da diferença que seguem sendo, historicamente, ignorados).

Para que iniciemos um pacto coletivo visando o posicionamento das periferias no centro do debate e dentro das salas de tomada de decisão, o engajamento de doadores nesta temática, dentro e fora de suas organizações, é urgente. É preciso começar pela busca efetiva por pluralidade nas equipes e equidade racial e de gênero nos espaços de tomada de decisão. Apenas assim conseguiremos fortalecer novas lideranças no setor e alcançar a transformação que todos queremos, ampliando os impactos e a efetividade do uso orçamentário dos financiamentos no ecossistema da Filantropia e do ISP.

Diante deste contexto, a Iniciativa PIPA acredita que há ações e decisões a serem tomadas por quem está estruturando o campo da doação no país com o objetivo de ampliar a pluralidade em sua tomada de decisão. Os passos, a seguir, podem auxiliar o início dessa jornada:

O primeiro passo é posicionar a equidade racial, de gênero e territorial na gestão estratégica da organização e da sua agenda de doação, para que o cenário deixe de ser pontual e passe a ser contínuo e transversal.

- Incorporar a pluralidade como valores dentro do planejamento estratégico é muito vantajoso para compreensão das múltiplas realidades brasileiras e para a elaboração de ações verdadeiramente eficazes.
- Realizar avaliação/auditoria interna, para entender como a organização pode adotar a questão de pluralidade nas sua prática ou programas.
- Construir um planejamento estratégico com metas e objetivos faseados para aplicabilidade, com formas de mensurar a transformação.

A realização de um diagnóstico interno para entender o perfil da equipe e possibilitar uma avaliação institucional que dê conta de ampliar o compromisso com a pluralidade e transformação dos espaços de liderança no setor.

- Desenhar um plano prático com metas para pluralidade e inclusão de pessoas negras, mulheres (dentre outras minorias políticas) e oriundas de periferias, em cargos de liderança institucional e de conselhos.
- É preciso viabilizar maneiras de trazer os dados sobre raça/cor e gênero das equipes ao público. A autodeclaração é a única maneira de levantar estes dados e isso pode estar, por exemplo, descrito no quadro de apresentação da equipe.

Depois de mapear as possibilidades e desafios é preciso investir na criação de um plano estratégico de ações ou um plano de trabalho, incluindo momentos para discussões e um orçamento que invista nas pautas interseccionais: raça, gênero e território.

- Implementação de equipe institucional responsável por efetuar trabalhos de elaboração de projetos e proposições de atividades, como rodas de conversas, pautadas em educação antirracista e/ou letramento racial. Assim, como assessoria para elaboração dos editais de contratação, se for necessário.
- Plano de cargos e salários que deem conta de remunerações competitivas e possibilitem a valorização e o crescimento do colaborador.
- Criação de programas de combate às desigualdades raciais e de gênero como comitês, fóruns, conselhos e grupos de trabalho para troca de conhecimento e experiências.

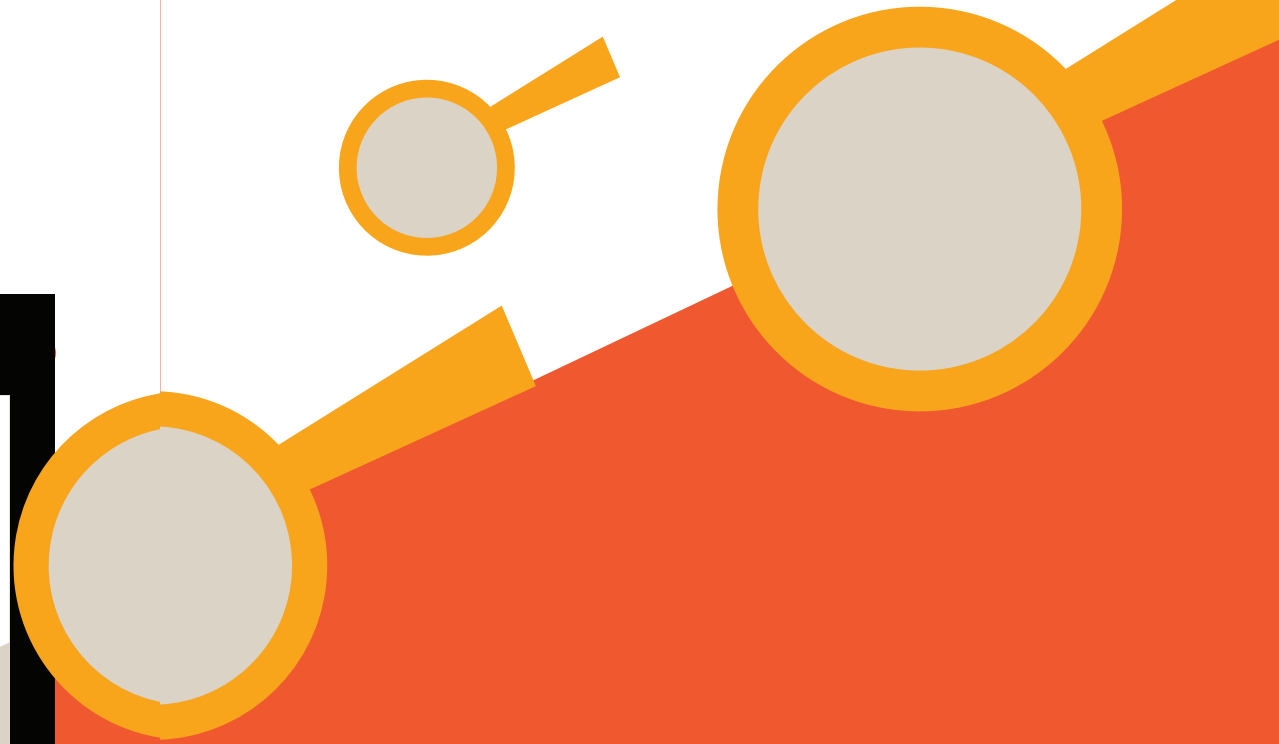
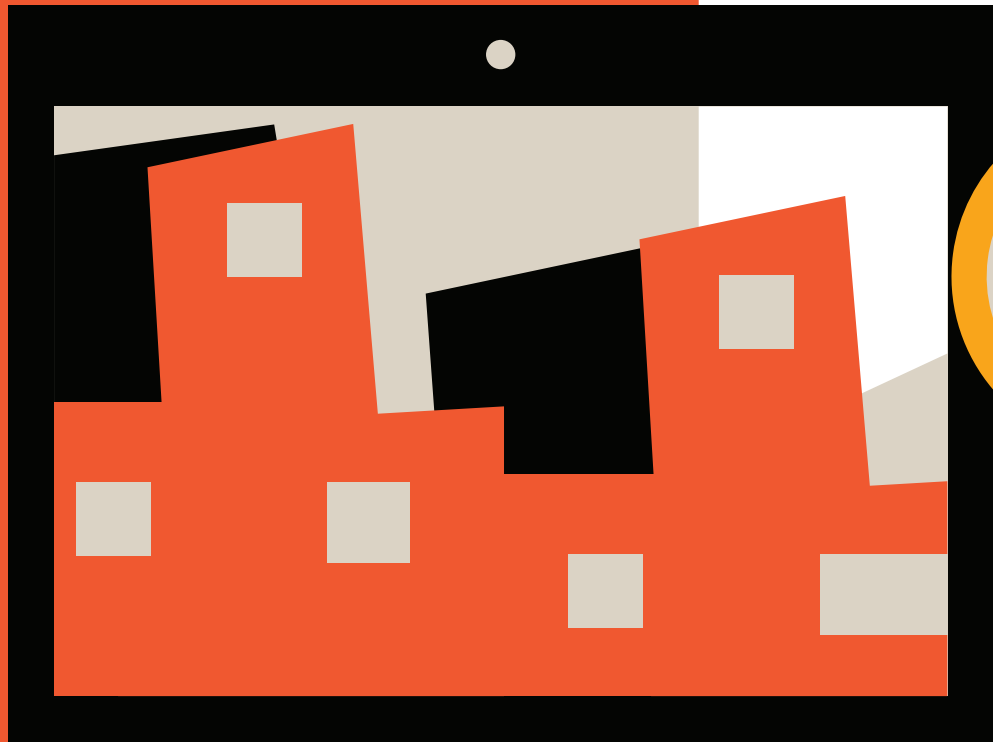
Divulgação de vagas exclusivas para públicos específicos, como pessoas pretas, pardas, indígenas e LGBTQIAPN+, bem como programas afirmativos para a permanência e progressão dessas pessoas nos quadros das instituições. Não basta abrir vagas e não pensar em maneiras de incluir estas pessoas em cargos altos e com voz ativa em debates e poder de decisão.

- Formações continuadas para qualificação da equipe para possibilitar que estas pessoas possam alcançar outros cargos de liderança no setor.

Monitoramento, avaliação e revisão do processo para repensar a eficácia de estratégias que não tenham apresentado o efeito esperado e para a manutenção e continuidade das ações que trouxeram avanços significativos.

- Incentivar mudanças comportamentais e promover o respeito à pluralidade a partir de um movimento confortável, contínuo e favorável para todos da equipe.

TRANSPARÊNCIA



O segundo eixo que trazemos para abordar como essencial para possibilitar que a agenda de democratização de recursos para as periferias seja uma realidade, um dia, refere-se à **transparência** das organizações doadoras. Através deste conceito, pretendemos mobilizar ações para pensar como que as organizações da Filantropia e do ISP têm tido seu olhar e estratégias de modo a serem direcionados para territórios periféricos e favelados do Brasil.

Isso porque entendemos que a divulgação de informações relevantes sobre as instituições doadoras, suas atividades, práticas e políticas, bem como a acessibilidade na comunicação, são elementos fundamentais para começarmos um diálogo sobre o acesso a recursos descentralizados e não concentrados em relações pessoais, e isso é sobre transparência.

Dito isto, enfatizamos a necessidade de produzir reflexões junto a diferentes instituições doadoras, acerca da urgência em diminuir as barreiras enfrentadas no cotidiano da captação de recursos por organizações de periferias brasileiras. Busca-se facilitar a chegada de recursos daqueles que doam para aqueles que precisam ser financiados. Muito se escuta por parte dos doadores, algumas falas e análises que vão na direção de capacitar e orientar as organizações periféricas e como elas podem fazer para ampliar a sua captação de recursos, mas na maior parte dos casos estas organizações atuam com escassas fontes de recursos, muitas das vezes, oriundas dos poucos editais que circulam no setor - retomaremos esta análise sobre os editais no próximo eixo.

Diante deste cenário, a Iniciativa PIPA, busca fazer outras provocações. A nossa pergunta é: Como que a Filantropia e o ISP podem (re)pensar, para adotarem outras práticas que visem a ampliação do impacto e efetividade do uso do seu recurso? Qual destino dos recursos? Como os recursos estão sendo alocados de forma estratégica nas periferias?

Neste contexto, a **transparência dos portfólios e alocação de recursos** das fundações e institutos financiadores é fundamental para a estratégia de captação de recursos de organizações periféricas que necessitam de apoio para a realização de projetos sociais e demandas comunitárias.

O mapeamento de doadores que desenvolvem ações e pensam em investimentos diretos, exercendo um perfil de filantropia doadora ao invés da executora não é uma tarefa fácil, que se agrava quando falamos de financiadores que alocam recursos em organizações localizadas em territórios periféricos.

Já é sabido que uma das principais estratégias para a captação de recursos é o mapeamento de possíveis financiadores que investem em eixos temáticos na qual sua organização trabalha. Quando alguém fala isso, em uma sala na “Faria Lima” em São Paulo, pode ser muito intuitivo que se uma organização trabalha com o tema de educação, ela pode tentar captar recursos com um instituto x, ou se ela trabalha com clima, ela pode buscar uma abertura de financiamento em uma fundação y. Mas, não é bem assim que funciona para as periferias, porque não estamos presentes nestes espaços decisivos e não sabemos quem financia o que no Brasil.

Uma estratégia usual e corriqueira no setor, é a rede de relacionamentos, as conexões são um ativo neste campo, pois delas nascem sentimentos de confiabilidade, que é um pilar do financiamento no país. Mas, algo que não focamos, é no questionamento: como as redes de confiança se estabelecem no ecossistema? Muitas das vezes, essas relações são históricas, fortalecidas e pautadas por pessoas que já se conhecem. Pois, os operadores do sistema, comumente, podem ter laços e relações de afinidade construídas, a partir de um mesmo ciclo de convivência (e porque não, da mesma classe social?). Assim circulam e frequentam os mesmos ambientes, formando e fazendo a manutenção do embrião da conexão e, simultaneamente, da confiança.

Se é de comum acordo que as relações de afinidade são essenciais para a consolidação de captação de recursos fortalecida, onde as organizações de periferias do Brasil ficam nesta equação? Pois, não possuem em sua equipe pessoas que fizeram ou fazem parte deste circuito, isto é, não frequentam os mesmos espaços de quem opera a Filantropia e o Investimento Social Privado, hoje - como vimos no eixo 1. Entendemos, portanto, que já há uma desigualdade colocada por esta questão. O mapa de financiadores e o que eles financiam pode ser de fácil construção para consultores ou pessoas que trabalham no campo, mas essa não é a realidade para gestoras e gestores de periferia que não estão frequentando esses espaços e nem possuem as mesmas redes.

Para resolver essa falta de acesso, muitas organizações que precisam de apoio, não sabem a quem recorrer e não possuem na lista de contatos pessoas que podem ajudar na mobilização de recursos e se veem fazendo frequentes trabalhos de pesquisa em sites e outras mídias sociais à procura dessas oportunidades de financiamento, mas infelizmente, não encontram com facilidade.

A partir da varredura nos sites, analisamos que esta dificuldade de mapeamento e pesquisa pode estar atrelada a dois fatores: o primeiro deles é que, no cenário atual, fica evidente que apenas 32% das organizações entendem a importância de direcionar seus recursos para organizações periféricas. O segundo, é que nessas plataformas oficiais, dificilmente têm informações explícitas que direcionam o visitante a entender quais são as linhas de financiamento especificamente, e quais são os passos para solicitar o apoio. Ou seja, a transparência de informações cruciais, quando se pauta o acesso aos recursos, apresenta fragilidades que não podem ser ignoradas. Pensando nisso, construímos um indicador de transparência que aponta para apenas 48% de transparência, ou seja, possuem tanto a presença de um portfólio quanto informam o destino do recurso.

Os achados a seguir nos auxiliam na compreensão desta realidade.

GRÁFICO 2
INDICADOR DE TRANSPARÊNCIA DAS ORGANIZAÇÕES¹²

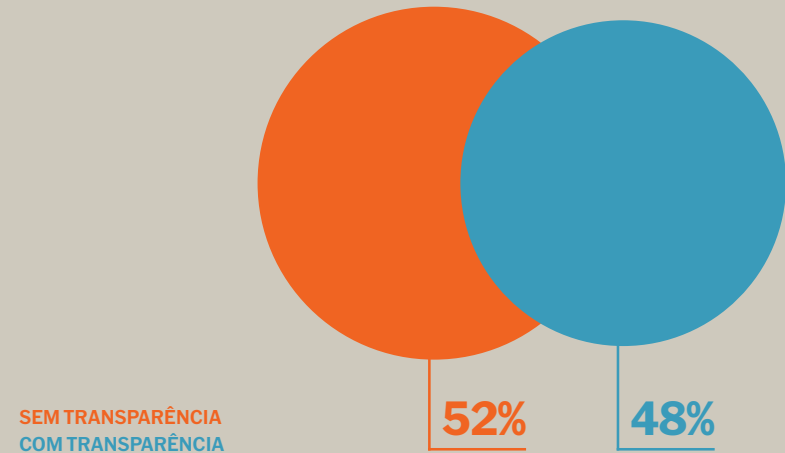
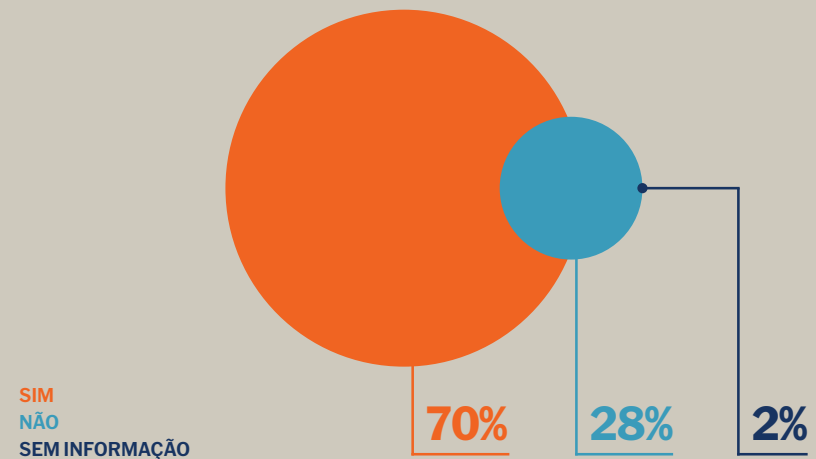
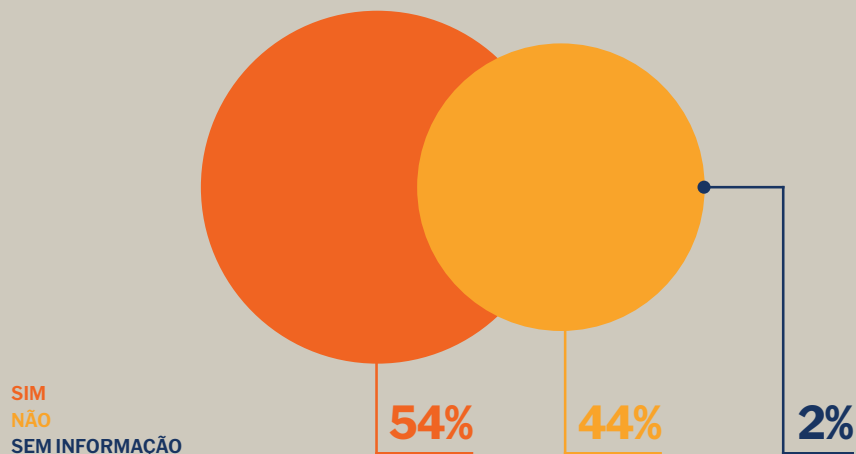


GRÁFICO 2.1
ORGANIZAÇÕES QUE APRESENTAM PORTFÓLIOS



12. O indicador de transparência construído para este Guia utilizou como base os dados: 1 se a organização possui portfólio; e 2 se a organização informa sobre o destino dos seus recursos. Considera-se "com transparência" quando a organização possui portfólio (sim) e quando é informado o destino dos recursos (sim), aqueles que não apresentam essas duas informações conjuntamente considerou-se como "sem transparência", ou seja, quando possui apenas uma das variáveis, nenhuma das duas variáveis, ou não possui informação sobre as variáveis.

GRÁFICO 2.2
ORGANIZAÇÕES QUE INFORMAM O DESTINO DOS RECURSOS



A presença de portfólio pode ser interpretada enquanto uma informação básica, um guia para organizações, movimentos e coletivos periféricos para buscar e acessar recursos. Segmentando os dados que constroem o indicador de transparência observamos que, apesar da maioria das organizações (70%) apresentarem portfólio nos seus sites, é importante se atentar que mesmo havendo um número quantitativamente interessante, estes portfólios poderiam ser mais qualificados, isto é, neles poderiam conter informações mais precisas que facilitariam a compreensão de quem não circula pelo setor.

Ainda mais marcante, é a ausência de informações a respeito do destino dos recursos que são alocados pelos doadores, um percentual de 44% de organizações não informam este dado, deixando claro a fragilidade referente a sua transparência dentro dos sites. A divulgação de relatórios de atividades, com transparência de atuação e riqueza de detalhes contendo articulações, incidência, gestão financeira e de equipe e, recursos, é uma prática que precisa ganhar mais espaço.

OUTROS INDICADORES DE TRANSPARÊNCIA MUITO DIVULGADOS SÃO: O PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DAS ORGANIZAÇÕES, SENDO QUE NÃO NECESSARIAMENTE ISSO APONTA OS PROGRAMAS E TEMAS QUE FUNDAMENTAM AS ESTRATÉGIAS DE FINANCIAMENTO; A COMPOSIÇÃO DA EQUIPE EXECUTIVA, CUJO O NÍVEL DE INFORMAÇÃO É DEFASADA CONFORME VISTO NO EIXO DE PLURALIDADE) E OS CONTATOS DA ORGANIZAÇÃO (TELEFONE E E-MAIL).

A ausência de informações é um dado que explicita a fragilidade das organizações quanto a sua transparência. Esta é uma realidade que precisa ser vista como um problema para o campo e este desafio precisa ser enfrentado sistematicamente.

As pessoas e organizações que fazem doação no país, precisam se atentar para quando falarmos de um processo de financiamento de qualidade, porque isso não significa apenas “colocar dinheiro”, mas sim, pensar sobre a sua intencionalidade, práticas internas e formas de compor o setor, para que um dia tenhamos um ecossistema de doação menos desigual.

Ressaltamos aqui, sobre a importância das instituições doadoras publicizarem suas ações, parcerias e, principalmente, sua forma de incidência e sua preocupação em apoiar organizações de periferias em seus sites e redes sociais. Para que, enquanto campo, consigamos entender como e o quanto podemos apostar que mudanças efetivas estão acontecendo e qual o real impacto do financiamento na realidade das periferias brasileiras.

Nesta linha, apresentaremos algumas tarefas e ações que podem ser fundamentais para auxiliar nessa trajetória:

40

Se a intenção é “fazer o dinheiro chegar nas periferias” é preciso pensar na escrita dos sites e editais para que a linguagem seja menos rebuscada e mais próxima da realidade plural de cada território.

- É necessário flexibilizar as condições ou critérios para apresentação de propostas (como existência de CNPJ, por exemplo) e viabilização de outras formas para prestação de contas das organizações.

Publicizar a informação sobre a pluralidade das equipes e conselhos nos sites e relatórios anuais. As estratégias de comunicação oficial dos financiadores precisam ser revistas, a partir de uma lógica pautada na transparência eficaz, que possibilitará uma mudança no acesso a recursos no Brasil.

- Sistematizar as informações de censos internos e disponibilizar esses dados publicamente. Sendo importante que esta informação esteja evidenciada de forma simples e acessível.

41

Criar mecanismos abertos para solicitação de financiamento.

- Criação de uma caixa de submissão de proposta de financiamento visível nas plataformas.
- Divulgar nas redes a possibilidade de submeter propostas ativamente, sem a necessidade de conectar-se diretamente a um Oficial ou Gerente de Programas.
- Deliberar pessoas na equipe para monitorar essa “ferramenta”.
- Calendarizar na rotina operacional da organização, a curadoria das propostas e alocar a quem é devido.
- Separar parte do budget/orçamento anual para apoios, por esse fim. (Pensar num esquema de porcentagem)

Informar publicamente de maneira objetiva e acessível quais temas são financiados pela organização. Isso facilita para os captadores entenderem qual o perfil do financiamento e se faz sentido aplicar. Assim, otimiza-se o tempo de pessoas que já enfrentam, cotidianamente, a sobrecarga de um trabalho muitas das vezes de maneira voluntária.

- Apresentar onde alocam seus recursos, para dar materialidade sobre o que é prioridade de financiamento da instituição.
- Dar destaques nas mídias sociais sobre portfólios que financiam:
 - > Instagram: Destaque ou fixado.
 - > LinkedIn: Feed de notícias e no Pulse é uma plataforma de publicação dentro do LinkedIn que permite compartilhar artigos.
 - > Site: Criar abas com explicações de cada portfólio e garantir que o site esteja na língua local.

A elaboração de um FAQ Institucional de “Como captar conosco”. Respondendo a perguntas frequentes sobre as formas de captação de recurso e contendo respostas sobre as dúvidas mais comuns dos possíveis apoiadores.

- Sistematização do passo a passo do embarque de novos financiados.
- Mensuração de tempo médio do início do processo até o recurso cair na conta do financiado.





FORTALECIMIENTO INSTITUCIONAL

É de comum acordo que as organizações, movimentos e coletivos que surgem nas periferias são responsáveis por operacionalizar e promover inclusão social, acesso à direitos e melhorias nas condições de vida para grupos e territórios que lidam, cotidianamente, com alarmantes escalas de desigualdades em nosso país. Essas iniciativas têm o poder de promover equidade, oferecendo oportunidades educacionais, acesso a cultura, arte, saúde e fomentando justiça social e, conseqüentemente, reduzindo as desigualdades.

Mesmo diante de um papel desempenhado de tamanha importância, os dados da nossa pesquisa Periferias e Filantropia, vem apontando os principais desafios que as organizações enfrentam: cerca de 45,8% das organizações contam com menos de 5 mil reais por ano, para dar andamento às suas atividades e projetos; 58% de todas as pessoas que atuam nas organizações, são voluntárias e 26% possuem maioria de voluntários; 92,6% das pessoas que trabalham não são contratadas por CLT; e 79% não são contratadas por MEI.

Ainda, das principais dificuldades apontadas para conseguir financiamento, mais da metade das organizações apontou como sendo muito relevante ou relevante, os seguintes pontos: não conseguimos remunerar equipe suficiente para implementar o projeto com o recurso disponibilizado (71,9%); as condições de prestação de contas são muito burocráticas (59,6%); precisamos de mais conhecimento sobre gestão financeira e de projetos (59,2%); o financiador não oferece flexibilidade para a execução do recurso (58,9%); não temos equipe específica para gestão financeira (58,6%); e o valor do recurso designado para o projeto não condiz com o impacto esperado (56,5%).

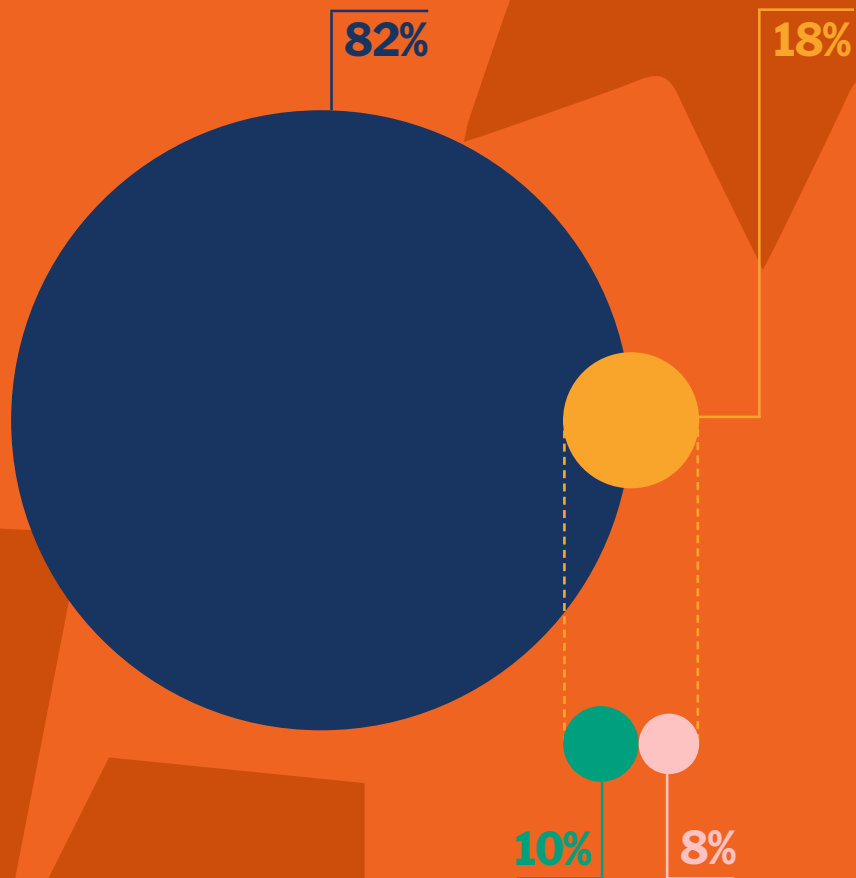
Das principais fontes de recursos das organizações para execução de projetos, a maioria apontou para os editais (32,9%). Entretanto, a segunda principal fonte de recurso é oriunda de doações individuais (24,1%), seguida pelo investimento próprio (23,7%) que, quando somados, correspondem a 47,8%,

ultrapassando o percentual dos editais. Isso levanta os questionamentos: por que as próprias periferias estão sendo as responsáveis por investir em seus próprios projetos e colocá-los em prática? Por que a responsabilidade social com as periferias têm sido tão baixa?

Nosso ponto aqui é, sabemos que os editais não são a única forma de “chegar ao dinheiro”, mas essa forma permanece sendo a mais próxima da realidade das periferias. Tendo em vista que, ainda, estamos falando de um cenário com grande centralização de recursos, que acabam circulando entre as mesmas organizações e não chegam à ponta. Mesmo assim, as periferias ainda são as principais responsáveis por assegurar a própria existência. A quem deve servir os recursos se não aqueles que fazem a realidade acontecer? Quem está olhando para isso quando o problema transborda?

Reforçamos que, mesmo não sendo o cenário ideal, a forma mais habitual dessas organizações acessarem os financiamentos para além dos recursos próprios, são os editais. Do mapeamento apenas 18% continham editais como forma de investimento para a execução de projetos, destes, 10% contemplam as organizações periféricas, contra 8% que não incluem a periferia como parte do seu público-alvo. Ainda assim, cabe destacar que a periferia é apenas um, dentre outros públicos, que são contemplados pelo recurso dos editais. Se os editais são fontes de recurso tão necessárias para as periferias porque há tão poucas organizações adotando este método de financiamento?

GRÁFICO 3
ORGANIZAÇÕES QUE POSSUEM EDITAIS, SEGUNDO
AQUELAS QUE CONTEMPLAM A PERIFERIA COMO
PÚBLICO-ALVO E QUEM NÃO CONTEMPLA.



NÃO POSSUI EDITAIS
 POSSUI EDITAIS QUE CONTEMPLAM A PERIFERIA
 NÃO POSSUI EDITAIS QUE CONTEMPLAM A PERIFERIA

Considerando estas 5 organizações (10%) que possuem editais direcionados a periferia como público-alvo, foi construída uma amostra com 53 editais destas mesmas organizações.

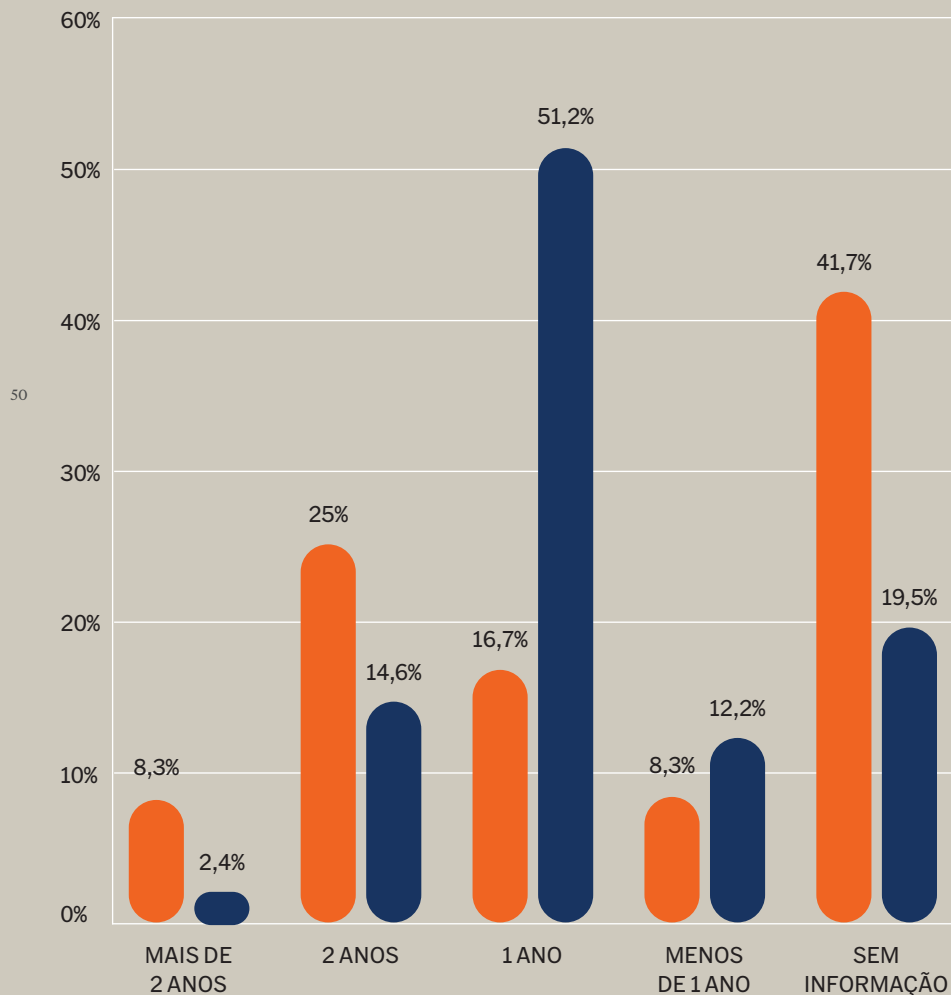
A exploração do conteúdo dos editais tem dois propósitos: primeiro avaliar a transparência das informações sobre os editais; e segundo compreender se há presença de informações básicas e essenciais nestes editais, como o público-alvo contemplado pela verba, o tempo destinado para execução do projeto e verba destinada para o fortalecimento institucional. Assim pensamos: os dados disponíveis nos editais já encerrados ou em andamento devem conter informações essenciais que servem de orientação para as periferias que buscam por recursos.

Acreditamos na importância do investimento direcionado para a manutenção e continuidade das ações que estão sendo pautadas e executadas pelas periferias. Investimentos que, na maior parte dos casos, não passam de 1 ano. Dessa forma, vemos que os editais que possuem a periferia como um dos públicos-alvo possuem, majoritariamente, menor tempo para execução orçamentária. Os valores destinados aos editais e o tempo para execução de projetos têm relação direta com o fortalecimento institucional das organizações de periferia.

Os gráficos, a seguir, trazem pistas que fundamentam estes questionamentos.

GRÁFICO 4

EDITAIS DE ACORDO COM A CONTEMPLAÇÃO DA PERIFERIA COMO PÚBLICO-ALVO, SEGUNDO O TEMPO MÁXIMO PARA EXECUTAR O PROJETO.



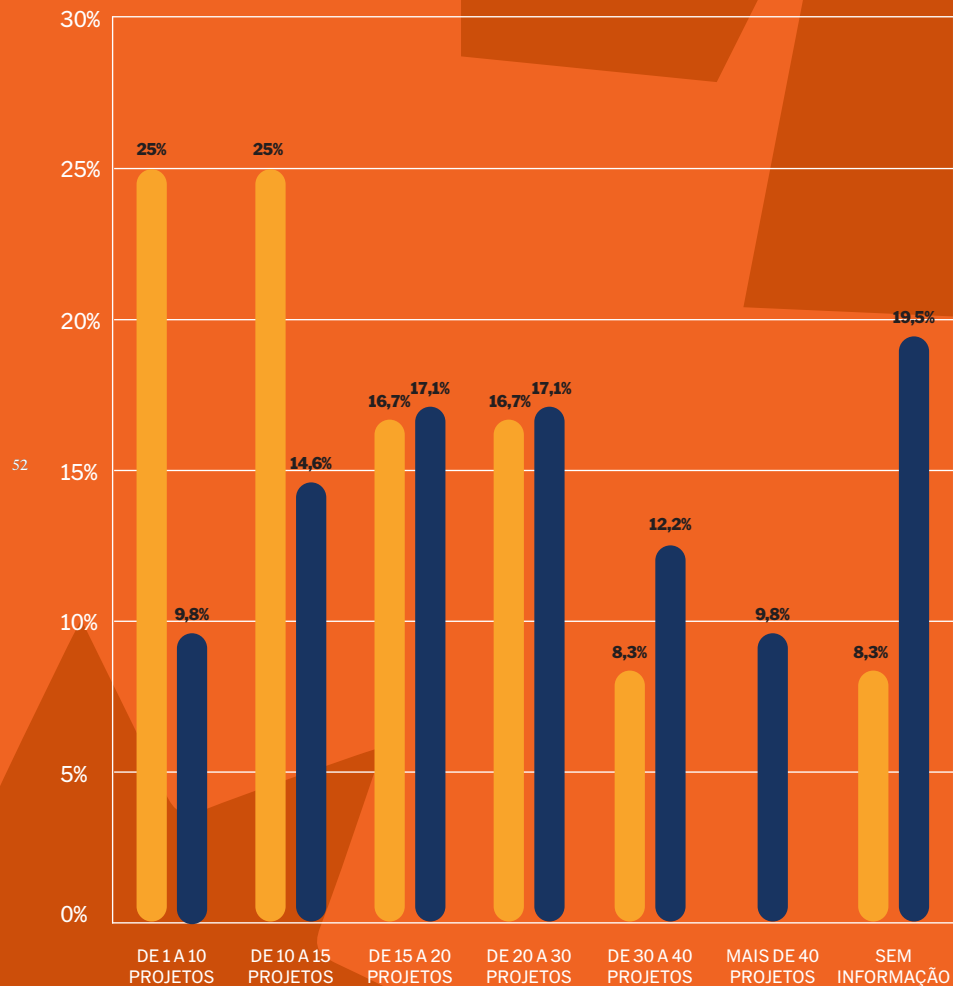
EDITAIS QUE NÃO CONTEMPLAM A PERIFERIA
EDITAIS QUE CONTEMPLAM A PERIFERIA

Observamos que as periferias, quando acessam editais, possuem até 1 ano para executar o orçamento. Sendo, 12,2% com menos de 1 ano e 51,2% com exato 1 ano para executá-lo. Enquanto os editais que não completam a periferia possuem um tempo maior. Partindo das respostas levantadas pelas organizações, uma das questões que se sobressaiu foi que 1 ano está “longe” de ser “tempo suficiente” para dar conta da continuidade dos projetos ou possibilitar que aquela equipe tenha fôlego para buscar outras alternativas.

Os dados também apontam que, editais voltados para a periferia contemplam mais projetos do que aqueles que não se destinam a este público. Enquanto 50% dos editais que não contemplam a periferia alcançam até 15 projetos, aqueles que incluem alcançam majoritariamente cerca de 15 a 40 projetos. Cabe destacar que os editais que abrangem mais projetos tendem a ser aqueles que possuem verba menor a ser doada.

Além do mais, os dados sobre os editais apresentam elevada porcentagem da categoria “sem informação”, principalmente dentre os que contemplam a periferia. Isso significa que muitos dos editais não informam sobre questões cruciais para a PIPA como: tempo de execução e número de projetos contemplados.

GRÁFICO 5
EDITAIS DE ACORDO COM A CONTEMPLAÇÃO DA PERIFERIA COMO PÚBLICO-ALVO, SEGUNDO O MÁXIMO DE PROJETOS CONTEMPLADOS.



EDITAIS QUE NÃO CONTEMPLAM A PERIFERIA
EDITAIS QUE CONTEMPLAM A PERIFERIA

A PIPA tem honrado com o compromisso de estar atenta a essas realidades e a escuta ativa nos territórios, têm evidenciado o pouquíssimo investimento na instrumentalização e fortalecimento das equipes, que colocam as ações e projetos em prática. De modo geral, o dinheiro já não chega como deveria nesses territórios, e quando o recurso chega nas periferias são, massivamente, direcionados para as atividades ou para a compra de materiais, ao invés do investimento nas pessoas que atuam nela.

Mas, e aqueles e aquelas que viabilizam a execução das ações? Um exemplo corriqueiro que nós podemos trazer aqui é, quando se chega dinheiro para a compra de cestas básicas, as lideranças locais recebem o recurso, compram as cestas e as repassam. Nisso, não há orçamento para remunerar quem faz o operacional, e muitas das vezes, essas pessoas que estão ali distribuindo as cestas, também não possuem possibilidade monetária para se alimentar. O que queremos chamar atenção, mais uma vez, é: como ficam esses grupos de pessoas que fazem a realidade acontecer?

Como salientam os dados analisados, o investimento em fortalecimento institucional é imprescindível, para que a atuação dessas pessoas seja considerada um trabalho remunerado, porque, segundo as informações levantadas, vemos que esse é um tema de grande relevância. Como pensar em desenvolvimento institucional sem recurso e com pouco tempo para isso?

O que temos nas organizações de periferias, hoje, é uma grande dificuldade de manter equipes, contratar serviços essenciais, dialogar com investidores, cumprir cronogramas de execução fora de suas realidades, fazer orçamentos detalhados, fichas técnicas com linguagens inacessíveis, realizar a prestação de contas sem nenhum ou com pouco conhecimento financeiro. E esta realidade precisa mudar.

Pensando nisso, a PIPA aponta para caminhos estratégicos a serem absorvidos pelos doadores para mudanças efetivas:

Direcionar os recursos para o fortalecimento institucional das organizações e não somente para a execução dos projetos.

- Informar se a verba repassada para as execução dos projetos contempla o fortalecimento institucional.
- Construir uma política interna que detalhe o que é fortalecimento institucional para a organização e quais são as prioridades programáticas para se focar durante o financiamento com os apoiados.
- Definir o percentual anual do orçamento para financiamento de fortalecimento institucional de organizações de periferias no plano orçamentário.
- Garantir que parte do valor possa ser destinado, especificamente, para a remuneração da equipe que executa o projeto.

54

Desenhar uma estratégia de desenvolvimento institucional para os donatários.

- Sistematização do passo a passo do embarque de novos financiados.
- Mensuração de tempo médio do início do processo até o recurso cair na conta do financiado.



Investir em instrumentalização das equipes para que tenham autonomia para dar continuidade em suas ações.

- Considerar o desenvolvimento da organização, como um indicador positivo de impacto do financiamento.
- Garantir que o projeto seja assistido por consultorias, mentorias ou outros auxílios sempre que necessário.
- Elaborar um plano de ação factível, com o orçamento e ferramentas disponibilizadas.

55

ACOMPANHAMENTO E PRESTAÇÃO DE CONTAS DO ECOSSISTEMA DE DOAÇÃO



A PIPA aposta que desenvolver e fomentar propostas que promovam a democratização e a descentralização dos recursos para as periferias é fundamental para o fortalecimento do nosso país. A potência criativa das organizações periféricas vem criando oportunidades inovadoras e soluções, cotidianamente, construindo um futuro menos marcado pela desigualdade e mais democrático.

Para a manutenção e ampliação da transformação social no Brasil, o financiamento para as periferias precisa se tornar uma agenda do ecossistema de doação. De modo que consigamos qualificar como está avançando a pauta durante os anos. Por conta disso, é imprescindível que consigamos mensurar e acompanhar como o setor está implementando e lidando com essas necessidades. Pois assim, conseguimos entender o quanto o campo está avançando ou não.

58

Uma das ações cruciais para que tudo isso que estamos apontando aconteça é que

AS ORGANIZAÇÕES QUE FAZEM APORTE DE RECURSOS NO BRASIL DEEM VISIBILIDADE AO QUANTO DE RECURSO REPASSAM PARA ORGANIZAÇÕES DE PERIFERIAS, ATRAVÉS DE MONITORAMENTO DO ORÇAMENTO INTERNO E DE COMO ELE ESTÁ SENDO EXECUTADO.



Sugere-se criar um perfil de organizações apoiadas, levando em consideração localização territorial, pluralidade das equipes e na tomada de decisão, qual região do país está localizada. Após fazer esse censo interno é necessário que se publique em plataformas digitais, como estratégia de prestação de contas e em seus relatórios anuais de atividades.

Estamos dedicados aqui a uma indagação primordial: **como e quanto de recurso tem chegado até as periferias brasileiras?** Com isso em vista, podemos pensar sobre quais estratégias estão sendo acionadas pelas organizações e coletivos para se manterem de pé atualmente. E, a partir dos caminhos que o financiamento percorre até chegar às periferias, já identificamos os principais obstáculos e demandas. As nossas pesquisas vêm fornecendo pistas importantes para pensar muitos questionamentos e nosso Guia propõe caminhos estratégicos para começar a reverter, o quanto antes, o cenário que temos no ecossistema das doações, hoje, no Brasil.

59

Quando falamos em reverter, estamos reforçando que o nosso olhar para as periferias parte de um entendimento sobre a necessidade de dar visibilidade e credibilidade para organizações da sociedade civil que, diariamente, giram as engrenagens do enfrentamento à desigualdade e constroem este país. Organizações estas que lideram o ranking da falta de acesso ao financiamento.

A dificuldade para se enquadrar em exigências de solicitação de recursos que não levam em consideração a pluralidade dos territórios não pode continuar sendo um fator agravador e limitante para acessar financiamento. E isso está diretamente relacionado com os três eixos de análises que trouxemos para este guia.

Primeiro, estamos propondo mudanças no escopo das equipes e conselhos deliberativos das organizações doadoras, porque se as vozes que ecoam nas periferias têm cor, gênero e pertencimentos, também devem estar contemplados na estrutura de quem doa. Deste modo, insistimos em dizer que as organizações doadoras precisam se apropriar desse debate e pensar a **pluralidade** da composição de suas equipes e conselhos porque é aqui, que tudo começa. Não podemos ter um sistema de doação composto apenas por “redes de confiança”. Precisamos de uma Filantropia que dê conta de distintas realidades nos espaços de tomada de decisão.

A partir do segundo eixo, chamamos atenção para a **transparência de portfólios**, reforçando a importância de evidenciar como os recursos estão sendo alocados. E, para isso, a existência e apresentação dos portfólios dos financiadores é fundamental para a estratégia de captação de recursos de organizações periféricas. Por não fazerem parte do eixo de “circulação do dinheiro”, as organizações de periferias precisam da transparência dos portfólios para acessar o recurso que circula no setor. A PIPA acredita que democratizar o financiamento passa, diretamente, pela democratização de redes.

No terceiro eixo debatemos sobre a importância e urgência do **fortalecimento institucional** das organizações e coletivos periféricos. Nossa principal questão é que o recurso, quando direcionado, não pode ser somente para a execução das atividades, mas também para aqueles que estão operacionalizando. Diante disso, aproveitamos para reforçar que, apesar da formalização e a modalidade de existência das organizações, o recurso para as periferias continuam não chegando. Esta é uma provocação chave para entender os desafios que as periferias possuem para acessar o financiamento. Pouco importa a forma de

existência jurídica, se formalizadas ou não - se não houver a intencionalidade de financiar estas organizações, o dinheiro continuará não chegando onde é preciso. É nesse contexto que muitas das organizações batalham para levar seus projetos adiante e acabam não conseguindo acessar os recursos que circulam pelo setor, seja através dos editais ou do investimento direto.

Em nossa análise, fica evidente que há um baixo percentual de editais com informações sobre o recurso destinado para o fortalecimento institucional das organizações. Ou seja, como organizar as atividades e executá-las, sem saber o valor destinado para tal necessidade? Também apontamos, minuciosamente, os motivos pelos quais os editais não são suficientes para dar conta das demandas e necessidades das organizações periféricas. Mesmo que os editais sejam a principal fonte de recurso para as periferias, até o momento, sabemos e defendemos que existem outras estratégias de repasse, que podem e devem ser acionadas. Salientamos que as organizações de periferias enfrentam dificuldades para conseguir financiar seus projetos, mas não por falta de capacidade técnica de gestão, e sim por não serem visibilizadas e cogitadas como prioridade orçamentária pelo setor. Juntos, devemos nos ater às possibilidades para a mudança deste problema tão latente para as periferias.

Existe um longo caminho de descobertas e inovações para o setor, mas só conseguiremos avançar e dar “passos mais largos” quando entendermos que só haverá o que estamos chamando de Filantropia estratégica no Brasil quando transformarmos os pilares que sustentam a doação no país. Enquanto não houver mais pessoas negras e de periferias ocupando os espaços de tomada de decisões, principalmente, espaços responsáveis pelo aporte de recursos, não será possível alcançar mudanças verdadeiramente sistêmicas. É urgente que o campo entenda que **AS PERIFERIAS TÊM AS RESPOSTAS**.

REFERÊNCIAS:

CENSO GIFE (2022; 2023). Disponível em: Censo GIFE 2022-2023 - Sinapse

DOSSIÊ DE SUBJETIVIDADES PERIFÉRICAS. (2020). Novos estudos CEBRAP. Publicação de: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. Versão impressa ISSN: 0101-3300 Versão on-line ISSN: 1980-5403. Disponível em: SciELO - Novos estudos CEBRAP, Volume: 39, Número: 1, Publicado: 2020.

IDIS – Desenvolvimento e Investimento Social. Perspectivas para a filantropia no Brasil (2024). Disponível em: Perspectivas para a filantropia no Brasil 2024 | IDISIDIS

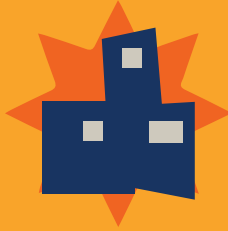
Iniciativa PIPA, Periferias e Filantropia – As barreiras de acesso aos recursos no Brasil. (2022). Disponível em: www.iniciativapipa.org/

INSTITUTO ACP – Guias de Gestão de pessoas para o terceiro setor. Disponível em: O QUE FAZEMOS | Instituto ACP | Brasil

INSTITUTO BEJA. Filantropando: tendências para a Filantropia (2023). Disponível em: Instituto Beja » Filantropando

REDE COMUÁ. Revista Plurais - Vozes, saberes e práticas da Filantropia Comunitária e de Justiça Socioambiental (2024). Sumário Executivo - Filantropia que transforma (2023) Disponível em: Biblioteca - Comuá (redecomua.org.br)





Realização:

PIPA

Parceiros:

BEJA
INSTITUTO

 **FUNDAÇÃO**
José Luiz
Egydio Setúbal

IBIRAPITANGA

 **instituto ACP**

 **PORTICUS**

 **MOVIMENTO**
BEMMAIOR